



TRABALHO, PRECARIZAÇÃO E RESISTÊNCIA NA PERIFERIA DO CAPITALISMO- a região Norte Fluminense como cenário.

Crislaine Ribeiro de Sousa, Érica Terezinha Vieira de Almeida

“O processo de financeirização indica um modo de estruturação da economia mundial” Husson (1999:99). Este novo modo de estruturação da economia tem como pano de fundo um estado de desregulamentação e liberalização de direitos. Onde novas empresas são adquiridas e exercem um papel de dominação social com aval dos Estados Nacionais (IAMAMOTO, 2008). O crescimento que estas novas empresas trazem, é desigual, é de interesse da classe dominante, onde a desregulamentação não permanece somente na esfera da financeirização, esta invade todo o tecido social. Por atender a uma fração de classe em específico, os rentistas, traz em si um conflito entre a produção e a distribuição desta riqueza produzida, tendo em um pólo a concentração da riqueza e em outro a polarização da pobreza e miséria (IAMAMOTO, 2008). Segunda a mesma autora, este novo modelo de acumulação interferiu profundamente no mundo do trabalho que se metamorfoseiam no pós- anos de 1970 e, também, na configuração do Estado- nacional que além de cada vez mais transnacionalizado, vem sofrendo um forte processo de desregulamentação e de privatização. Ao mesmo tempo são disseminadas ideologias como a do empreendedorismo, da terceirização, da privatização de serviços públicos, dentre outros. Para MOTA (2017) o desemprego e a precarização do trabalho, com empregos cada vez mais temporários e desprotegidos são as “novas expropriações”. Iamamoto (2008) afirma que revigoram-se as formas arcaicas de trabalho e renasce as informais e subterrâneas. A região em tela expressa bem este processo de novas expropriações. A modernização agrícola, a partir dos anos de 1950, deslocou grande parte dos trabalhadores que vivia no campo, e, mais tarde, nos anos de 1970, generalizando a proletarização do trabalhador rural (CRUZ, 1982). Sem recursos e alternativas, esta massa vai desenhar a periferia do Norte Fluminense, com destaque para o trabalho informal e para a autoconstrução. A região Norte Fluminense tem, assim, seu desenvolvimento criado pelo atraso das condições locais/regionais(Lowy,1995), reproduzido pelo discurso das elites locais, e que CRUZ vai chamar de “regionalismo” (2003). Todavia, a apropriação do espaço regional pelo projeto de capital não se dá sem resistência. Daí a pesquisa ter como objetivo central o mapeamento das resistências em suas diversas modalidades. Para tal, além da revisão bibliográfica, foi realizada uma pesquisa hemerográfica no Jornal Folha da Manhã, correspondente ao período entre 2000 e 2017. Os próximos passos da pesquisa inclui o mapeamento das resistências na região norte Fluminense e sua classificação com vistas à construção de um diálogo com os autores sobre essa temática de modo a contemplar os debates que serão identificados a partir da análise das informações coletadas.

Palavras- chave: Capitalismo Financeiro, Região Norte Fluminense, Resistências.

Instituição de fomento: Pibic/ UFF.